

(2006) **MARIA AMÉLIA CAMPOS, *A SENHORA DA ROSA: BIOGRAFIA DE NATÁLIA CORREIA***. LISBOA, PARCERIA A. M. PEREIRA.

Isabel Cadete Novais – Biblioteca Nacional de Portugal (Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea). Campo Grande, 83. 1749-081 Lisboa.

No panorama das obras denominadas biográficas, o presente trabalho de Maria Amélia Campos destaca-se por ter sido concebido segundo a linha bem definida do seu entendimento do que deve ser uma narrativa biográfica. Afirma a autora d'*A Senhora da Rosa*, que «por se tratar de um híbrido, a biografia é um espaço privilegiado para questionar os laços que ligam a ficção à realidade, ao conhecimento e à capacidade de a narrativa de vida se constituir como obra literária» (p. 13).

Convém, no entanto, reflectir sobre o tipo de escrita denominada «narrativa de vida» para que se possa destrinçar uma autobiografia de um estudo biográfico realizado *a posteriori* por terceiros, já que são significativas as suas dissemelhanças. Se não, vejamos:

— tratando-se do próprio que narra as suas vivências, além da objectividade dos factos, tem a acrescentar a intensidade emocional com que os viveu, assim como vários outros factores que se prendem com os registos da memória – a visão nostálgica impressa pelo

tempo, o grau de afectividade e as circunstâncias da vida no momento em que os recorda e narra;

— sendo a escrita biográfica realizada por terceiros, ou seja, por alguém estranho àquelas vivências, e que por isso apenas pode dar conta das mesmas com base em registos fixados numa matriz cronológica e documental, a narração perde o carácter nostálgico das lembranças e a emoção dos afectos e passa a inserir-se no discursivo ficcional do conto hetero e extradiegético.

Desse modo, a narrativa biográfica na terceira pessoa sofre as metamorfoses resultantes da idiossincrasia e subjectividade do narrador, o qual, na tentativa de obter a síntese entre vivência e atitude artística do biografado, acaba resvalando para contornos ficcionais que se confundem com o universo das obras deste. Poder-se-á dizer que qualquer transposição do real para a escrita é ficção, dado que passa sempre pelo filtro da subjectividade de quem narra. Porém, não devemos perder de vista a distância que separa

o discurso narrativo da criação literária.

Quando Natália Correia afirma «viver com as personagens dos seus livros» não significa com isso que a sua vida se encontra vazada nas páginas dos seus romances ou da sua poesia, mas antes que estes espelham a relação que travou com o mundo e o entendimento que teve dele.

Não é o verdadeiro artista da palavra aquele que tem a capacidade de fingir, distorcer e transpor a realidade circundante para um patamar de subjectividade só alcançada pelos que, atingindo esse mesmo nível, conseguem levantar o «véu diáfano» da escrita literária?

A Senhora da Rosa cumpre plenamente o seu objectivo, ao revelar-nos um retrato de corpo inteiro de Natália Correia nas suas múltiplas facetas: a

mulher da Cultura, a lutadora insubmissa pelas grandes causas e a poeta, a romancista, a dramaturga, a investigadora atenta e a cronista acutilante. Ainda que, por vezes, evidencie uma colagem excessiva da produção literária nataliana à narrativa biográfica e um endeusamento exacerbado pela autora biografada, o estudo assinado por Maria Amélia Campos, cuidadosamente estruturado e documentado (com excertos das obras, testemunhos, fotografias, documentos biográficos e dados bibliográficos), constitui uma obra de referência para quem pretenda conhecer em rigor e em pormenor o perfil biográfico e humano de Natália Correia bem como a sua prolixa e complexa produção literária. ISABEL CADETE NOVAIS

Lisboa, Janeiro 2007